

Capítulo 1 — Sidharta

Hotel California — The Eagles



O bongô chegou antes da porta.

Não a versão de rádio — aquela cortada em dois minutos e quarenta, sem o solo que Don Felder e Joe Walsh passam trinta e seis segundos construindo como se soubessem que o mundo vai acabar depois. Era a ao vivo da MTV, noventa e quatro, Hell Freezes Over, e começava com o bongô assim antes de tudo: *tan tan tan tan*, paciente, do tipo de ritmo que não pergunta se você quer participar porque a resposta não importa. A guitarra vinha depois. Depois o mundo ia junto.

Havia parado na calçada da Rua Adolfo Mota antes de perceber que havia parado.

O bilhete dizia: *Madame Satã. Meia-noite. — Varella*. Sem número, sem instrução. Nenhuma pessoa chamada Varella existia no meu vocabulário além daquele nome, pronunciado uma vez, com a qualidade específica que os Umbrarim reservavam para assuntos que transmitiam sem explicar — o tipo de entonação que comunica *isso importa e não pergunte mais* num único movimento. O papel não era papel comum. Havia algo na textura que o Ardor dentro de mim reconhecia antes que a razão chegasse ao assunto.

A voz entrou na frase de abertura da faixa em inglês — vento frio no cabelo, a estrada deserta —, com a paciência das faixas que sabem que têm sete minutos pra construir o que vão construir.

Havia ido porque tinha três meses de Desperto e ainda não havia aprendido a não ir.

Empurrei a porta.



O bar levava décadas fazendo o que estava fazendo naquela noite, que era existir no intervalo entre o que São Paulo tolerava em voz alta e o que São Paulo fingia não ver. O nome vinha de João Francisco dos Santos — capanga, artista, nordestino que o Rio havia batizado de Madame Satã porque não havia categoria disponível para ele e a falta de categoria tinha que ir para algum lugar. Morreu lenda, que não é exatamente justiça mas é o tipo de reconhecimento que o mundo oferece às vezes em compensação tardia. A São Paulo o nome chegou como legado: *aqui também cabe o que não cabe em outro lugar*.

O bar honrava isso de formas que nenhum alvará descreveria.

O cheiro chegou depois — estratificado, como chegam os cheiros de lugares com história: cigarro em primeiro plano, cerveja em segundo, e embaixo de tudo uma camada mais antiga que não conseguia identificar pelo nome mas que o Ardor reconhecia com uma familiaridade que não havia pedido e não sabia ainda se queria. A caixa de som era uma Gradiente dos anos oitenta que havia decidido que, se fosse morrer, ia morrer tocando. O bongô de noventa e quatro chegava com a qualidade de convicção. A voz já estava no verso em que ele descreve a cabeça ficando pesada e a vista ficando turva — o trecho cantado em inglês baixo, antes de qualquer coisa começar a explicar onde a pessoa estava parando.

As mesas eram pequenas demais para a quantidade de gente. A turma dominante usava preto — não o preto de moda, o preto de convicção, coturno e delineador e colar de prata, o preto de quem estabeleceu a sério que o normal era problema de outra pessoa. Alguém tinha Nosferatu tatuado no pescoço com aquele traço de quem fez por amor ao traço. Uma mesa inteira debatia Anne Rice com a intensidade de disputa filosófica genuína. Dois rapazes no canto compartilhavam fone de ouvido de um walkman — reconheci pela posição que era Type O Negative, e sorri por dentro porque a tribo era exatamente a que eu teria escolhido um ano antes.

Havia três ou quatro outros Despertos no bar. Não os havia visto ainda. Mas sentia o Ardor deles como sente a própria temperatura — não como informação

nova, como dado que sempre esteve lá e que o Despertar simplesmente havia tornado legível.

Comprei uma Skol no balcão e fiquei de pé.

A faixa chegou no verso em que a pessoa aparece parada na soleira — a imagem em inglês caindo no bar com a precisão de coincidência que não é coincidência.

Deixei o mapa se completar.



O que me fez virar não foi movimento.

Foi ausência de movimento.

No balcão, de costas para a sala, havia uma mulher completamente imóvel num ambiente onde ninguém estava imóvel — e havia algo na qualidade daquela imobilidade que não era pose, não era displicência, que era a imobilidade específica de coisas que não precisam se mover para existir. Como certas pedras. Como certos rios em dia de calma. Como a parte do fundo do oceano que a maré não chega.

Virei.

Cabelo liso caindo até os ombros, a cor do louro que é quente e não precisou de ajuda para ser quente. Um vestido escuro de tecido simples com alça fina, que não tentava nada e por isso conseguia tudo — a linha do ombro, a curva que descia do pescoço até onde a alça começava, os centímetros de pele entre o vestido e onde o cabelo caía. Um copo de vinho na mão que não havia sido tocado, sustentado com dois dedos e o polegar com a familiaridade de quem carrega o peso de coisas por muito tempo sem precisar pensar nisso.

A proporção dela com o ambiente estava errada de uma forma que precisei de um segundo para nomear: não era que ela não pertencia ali — era que o bar inteiro parecia ter se recalibrado levemente ao redor do ponto onde ela estava, como acontece com um ambiente quando você coloca nele algo muito preciso que não estava nos planos originais.

Havia estudado estética o suficiente para saber que havia uma categoria de beleza que dói um pouco olhar — não de desconforto, o tipo de dor específica de olhar para algo que o olho sabe que não vai conseguir guardar direito na memória. Essa era aquela categoria.

E havia algo mais. Havia o Ardor.

Não era como os outros três pontos que havia mapeado — aqueles chegavam como temperatura de sala, como dado estável que o corpo registrava sem urgência. Isso chegava com direção. Como calor de fonte específica, do tipo que o rosto reconhece antes que a pessoa vire para ver de onde vem. Do tipo que, quando você entende de onde vem, já aconteceu alguma coisa.

Percebi, tarde demais para ser útil, que havia ficado parado olhando.

A Skol na mão havia esquentado o suficiente para ser notada.

Fui até o balcão.



Os quatro ou cinco metros entre mim e a posição dela tinham uma qualidade específica naquela noite que não consegui nomear depois. Não era distância normal de bar lotado. Era o tipo de espaço que a atenção atravessa antes do corpo, que já está do outro lado quando você ainda está na metade do caminho.

Cheguei ao balcão. O ombro dela estava a uns vinte centímetros do meu.

Ela não se virou. Mas quando apoiei o cotovelo na madeira ao lado, ela olhou para a Skol na minha mão — demorou menos de um segundo — e depois olhou para frente de novo com a expressão de quem acabou de confirmar um cálculo que já havia feito antes de eu chegar.

— Skol — ela disse. Não era pergunta, não era crítica. Era a inflexão de quem está fazendo uma observação para si mesma em voz alta por cortesia.

— Tem algum problema com a Skol?

— Nenhum. — O canto da boca se moveu, quase. — Você vai terminar essa cerveja?

O reconhecimento passou entre nós com a qualidade silenciosa de quem troca senhas num idioma que ninguém ao redor fala. Ela sabia o que eu era. Eu sabia que ela sabia. Quarenta humanos a três metros.

— Claro que vou — disse. — Pode ser novo, mas já aprendi a me enturmar.

Ela riu — breve, real, não planejado — e o guardou de volta com a velocidade de quem percebeu que havia deixado algo escapar. Mas havia estado lá.

— Yana.

— Sidharta.

— Eu sei quem você é.

Havia dito isso sem arrogância — da mesma forma que se informa sobre o tempo. Guardei a pergunta *como você sabe* para um momento em que pudesse verificar a resposta.



Hotel California construía o solo. Não havia pressa — aquela guitarra nunca tinha pressa.

Ela se virou levemente na minha direção. Não para encarar — uns quinze graus, o suficiente para que o perfil se tornasse três quartos, o suficiente para mudar o que eu podia e não podia evitar ver. Estava olhando para o bar. Mas o giro havia sido deliberado, e eu sabia que ela sabia que eu sabia.

Mantive os olhos na fileira de garrafas atrás do balcão.

— Você já tinha vindo aqui? — perguntei.

— Nesse bar? — Ela considerou. — Aqui era uma cantina antes. Antes disso, um armazém. Antes disso, uma casa de família italiana que chegou no Brás em 1902 e foi empurrando para cá quando o bairro encheu. — Ela girou o copo sem beber. —

O Bixiga tem essa qualidade: cada endereço guarda umas quatro ou cinco existências empilhadas.

— Você conheceu a cantina?

— Comi lá algumas vezes nos anos sessenta. Macarronada de domingo. O dono desconfiava de mim porque eu nunca envelhecia, mas era italiano e tinha bom senso suficiente para não perguntar o que não queria saber.

Fiz o cálculo rápido. Ela aparentava vinte e poucos anos em 2001. Nos anos sessenta — a mesma coisa, concluí, o que tornava o cálculo inútil como exercício aritmético mas útil como dado.

Ela me olhava com aquele meio-sorriso de quem vê alguém chegando numa conclusão que já sabia que ia chegar.

— Você é mais velha do que — gesticulei vaguamente para o bar, para São Paulo pela janela, para a extensão de tempo que não sabia nomear corretamente.

— Do que muita coisa — ela concordou, com gentileza.

Não ainda, ela disse quando tentei perguntar quanto. Não foi duro. Foi o tom de quem diz *não agora* da mesma forma que se diz a uma criança que pergunta se já chegamos: com paciência genuína e sem expectativa de que a pergunta não volte.

Ela inclinou a cabeça levemente — dois graus, talvez três — para dizer alguma coisa mais baixo, por causa do barulho do bar. Não havia necessidade de inclinar a cabeça naquele volume. Sabia que não havia necessidade. O movimento havia diminuído a distância entre nós de vinte centímetros para doze, e os doze sentiam como uma unidade de medida que não havia existido dez minutos antes.

— O que você sente — ela disse, de perto, devagar — quando está num ambiente com outros Despertos?

Não era o que havia esperado.

— É como estar num quarto com várias temperaturas — disse. — Mas não é desconfortável.

— Não. — Uma pausa de exatamente o comprimento certo. — Não deveria ser.

A voz na Gradiente entrou no verso em que ela diz, em inglês, que somos todos apenas prisioneiros aqui — frase posta com a calma de quem comunica clima.

E então o Ardor fez alguma coisa.

Foi sutil o suficiente para que eu pudesse ter atribuído à cerveja morna, ao barulho, ao calor de novembro num bar sem ar-condicionado, a qualquer coisa que fizesse mais sentido do que o que estava acontecendo. Mas chegou no peito, onde o Ardor vivia, e tinha direção — vinha dali, do ponto onde ela estava, do espaço que os doze centímetros representavam. Não era quente como febre, não era quente como sol. Era quente como coisa muito viva perto de outra coisa muito viva.

Olhei para ela.

Estava olhando para o bar. O ângulo da mandíbula tinha a tensão muito específica de quem está aguardando ver o resultado de alguma coisa — uma tensão que não teria conseguido nomear se não fosse a qualidade de atenção que três meses de Desperto haviam instalado sem pedir permissão.

Então o Ardor no meu peito fez alguma coisa por conta própria.

Não foi decisão. Foi o tipo de reação que um Desperto de três meses tem quando o Ardor de outra pessoa toca o seu sem aviso — como reflexo, como pupila dilatando no escuro, sem que a parte consciente do processo seja consultada. O Ardor se moveu na direção dela. Involuntário. Descontrolado, da forma específica de quem ainda não sabe que controle é uma opção.

Ela ficou completamente imóvel por uma fração de segundo.

Não foi a imobilidade inicial — a da coisa que não precisa se mover. Foi diferente. Foi a imobilidade de algo que parou porque encontrou algo inesperado, que precisava de um instante antes de retomar. Uma fração de segundo. Não teria conseguido nomear a diferença se não fosse — guardei isso por muito tempo depois, sem entender completamente — se não fosse o copo de vinho que subiu à boca dela naquele exato momento pela primeira vez em toda a noite.

O primeiro gole.

Ela estava olhando para o bar.

Senti calor subir antes de processar de onde vinha, o que era inconveniente, porque Despertos não coram, e eu estava aprendendo que a minha expressão entregava mais do que planejava.

Ela olhou para frente de novo. Se havia notado, não demonstrou — ou havia demonstrado exatamente o quanto pretendia, que era diferente.



O Ardor havia mapeado o bar antes que eu chegasse ao balcão.

Não havia pedido para isso — foi acontecendo como temperatura de ambiente que o termômetro registra antes que você pense em consultá-lo. Quatro pontos de presença que não eram humanos. Um na mesa do canto, parcialmente visível atrás do grupão de Anne Rice. Um perto da saída de emergência, tão quieto que o Ardor levou um segundo para separar do fundo. Um terceiro junto ao balcão, do outro lado, que havia evitado olhar diretamente porque havia algo na intensidade daquele Ardor que era novo para mim — o tipo que o instinto diz para não confrontar antes de entender.

O quarto era Yana.

Um dos rapazes da mesa maior se levantou para buscar cerveja. Passou a menos de um metro da mesa do canto — a um metro de uma das presenças que o Ardor mapeara. Passou sem nenhuma alteração. Sem o instinto de desviar, sem aquela hesitação involuntária que o corpo tem quando cruza com algo que não consegue identificar mas que registra antes da mente. Passou como quem cruza com uma cadeira.

Fiquei olhando o rapaz voltar para a mesa, sentar, voltar ao debate sobre Anne Rice. De costas para o que havia passado sem registrar.

Três meses de Desperto. Sabia que o Véu existia — como conceito, como dado repassado pelos Umbrarim com a qualidade de instrução técnica. O que não havia visto era o mecanismo funcionando em tempo real, na mesma velocidade de um homem comprando cerveja.

Não era mentira que se contava. Era capacidade que eles tinham.

Havia diferença.

Olhei para Yana.

Estava olhando para o rapaz de volta na mesa — com a atenção de quem vê algo funcionar da forma que deveria funcionar. Quando encontrou o meu olhar, não havia surpresa no rosto dela. Era a expressão de quem estava aguardando.

Ela não disse nada.

Olhei para o terceiro ponto de Ardor — a mesa junto ao balcão. Uma mulher, dois homens, ela com aquela luminosidade muito leve nos olhos que identificaria em outros contextos mais tarde. Os dois orientados para ela sem perceber que estavam orientados. Uma moça de walkman ao lado que não havia olhado para aquela mesa uma vez em vinte minutos.

— Já entendi — disse.

— Eu sei — disse Yana.



Cheguei um centímetro mais perto.

Ela não se afastou nem correspondeu — ficou exatamente onde estava, com o mesmo ângulo de quem está tendo uma conversa e não registrou que havia subtexto. Havia registrado. Sabia que havia registrado. Era o tipo de jogo onde as regras estão claras para os dois lados e só um finge que não.

Don Felder e Joe Walsh encontravam-se na Gradiente de oitenta anos que estava morrendo por amor ao que tocava. O solo construía. Dois instrumentos, a

distância entre eles diminuindo, cada nota calibrada contra a anterior — não competição, convergência. Trinta e seis segundos que valiam a espera de toda a música.

Fiquei onde estava. O centímetro ficou onde estava.

Havia algo na linha abaixo da orelha dela — onde o cabelo louro tocava a pele do pescoço, a curva específica que a alça do vestido não cobria — que havia estado evitando desde que havia chegado ao balcão, da forma que se evita olhar para uma luz direta por tempo demais porque o problema não é a luz, é a memória que fica depois. Parei de evitar por um segundo.

A faixa avançou pro verso em que ele diz, em inglês, que tinha que achar a passagem de volta pro lugar de antes — frase dita como diagnóstico, sem desespero.

— Yana—

— Olha quem chegou — ela disse, olhando por cima do meu ombro.



Silas Varkaan era o tipo de presença que havia levado um encontro inteiro para localizar num ambiente, o que era perturbador porque havia passado a vida inteira num nível de observação que a maioria das pessoas chamaria de excessivo. Silas tornava esse nível insuficiente sem fazer nenhum esforço visível.

Tinha uma Brahma na mão e o ar de quem confirmou uma suspeita que não o surpreendia. Havíamos nos encontrado duas vezes — uma por arranjo dos Umbrarim, uma por coincidência improvável demais para ser coincidência, que era, estava aprendendo, a textura da maioria das coincidências naquele mundo.

Ao lado dele, uma moça de cabelos ruivos em ondas grandes e compridos — não o ruivo que o Brasil produzia, o ruivo que chegava de outro lugar — com sandálias que tinham visto mato recente. Bermuda jeans. O olhar de quem está catalogando, não cumprimentando.

Troquei olhar com Silas. Olhei para Yana.

Ela já havia se reposicionado — não no sentido de ter se movido, mas no sentido de que algo na configuração do corpo havia se resetado, como uma peça que volta ao lugar no momento certo. O copo de vinho estava na mão de novo. O ângulo era o de antes. Como se o centímetro não houvesse existido.

Levei um segundo para entender o que aquilo significava: ela havia sentido Silas antes que eu sentisse. Do outro lado do bar, através do barulho e do Ardor e da Gradiente e da densidade de corpos, ela havia localizado a chegada antes que a chegada chegasse — e havia usado esse segundo de vantagem para escolher exatamente quando encerrar.

Não havia sido a chegada que havia encerrado.

Havia sido ela.

— Varella mandou bilhete? — perguntei para Silas.

— Há três dias. — Silas puxou uma cadeira. — Vocês três vieram pela mesma coisa.

Yana pegou o copo de vinho finalmente — o segundo gole da noite, com o gesto de quem está numa conversa que já existe faz tempo — e não disse nada. O que, estava aprendendo, era a forma dela de confirmar.



Eram vinte e três minutos para a meia-noite quando a porta do fundo do bar se abriu.

Senti antes de ver — não Ardor, que era o sinal que usava para os Despertos, mas outra coisa no meio do caminho entre Ardor e ausência, como a qualidade do ar antes de trovoadas. Um homem cruzou o bar com movimentos que eram precisos demais para o barulho ao redor — sem hesitar, sem desviar, sem tocar em ninguém. As pessoas abriam passagem sem perceber que estavam abrindo.

Trinta e poucos anos aparentes. Terno cinza bem passado, camisa branca. O tipo de pessoa que a mente lê como *assistente de alguém importante* antes de encontrar a categoria certa. Os olhos eram castanhos comuns exceto por uma luminosidade muito leve que não deveria estar lá — como se algo interno houvesse absorvido Ardor suficiente ao longo de tempo suficiente para não conseguir mais esconder completamente.

Velado. Mas diferente de qualquer velado que havia imaginado que existia.

— Que bom que vocês já estão aqui — disse ele. Voz sem ornamento, sem emoção particular que não fosse funcional. — Poupa tempo.

— Quem é você? — disse Silas.

— Cândido. — Sem título, sem contexto. — Estou aqui pelo Senescal Varella. Ele pede que venham agora.

Dulce o leu com os olhos da forma que Dulce lia ambientes — não como contemplação, como coleta de dados.

— O Senescal manda buscar a gente num bar de madrugada sem avisar hora. — Não era questionamento. Era inventário. — E não vem ele mesmo.

— O Senescal está aguardando — disse Cândido. Sem responder ao que havia sido dito. — O assunto não podia ir por mensageiro.

Olhei para os olhos dele por um segundo. A luminosidade era mais visível de perto. Não Ardor — outra qualidade, derivada, como a diferença entre uma chama e a parede aquecida pela chama.

Cândido não esperou.

— Vamos subir.



A porta era uma fenda na parede.

Não havia placa, não havia maçaneta aparente do lado de fora — era o tipo de acesso que existe para quem já sabe que existe, uma fresta entre o forro de madeira escura e o reboco velho que Cândido abriu com movimento que era memória muscular. O bar continuava do lado de fora: Anne Rice em debate, a Gradiente exalando seus últimos esforços, ninguém olhando.

Fui o último a entrar.

A fresta fechou atrás de mim sem barulho.

O bar desapareceu.

Não foi gradual — foi o tipo de corte que acontece quando um ambiente inteiro é substituído de uma vez. O cigarro, a Brahma, a camada densa que o Ardor havia mapeado sem nomear: trocados em menos de um segundo pelo cheiro de pedra e pelo cheiro de ar que não circulava há mais tempo do que cabia em memória recente. E por baixo dos dois, chegando antes dos dois, uma terceira coisa que chegou pelo Ardor antes de chegar pelo olfato — não presença viva, não os pontos que havia mapeado no bar, mas a textura de lugar que absorveu o que acontecia nele por tempo suficiente para não conseguir mais não ser isso.

Lugar que guardava.

O acústico mudou. No bar, o som voltava fácil — madeira, reboco, corpos, tudo devolvia rápido. Aqui o passo de Cândido à frente demorou um segundo antes de morrer no corredor, como se a pedra precisasse considerar antes de devolver. Ouvi o próprio passo e não o reconheci imediatamente — uma fração de segundo em que o som me chegou como se viesse de outra pessoa. A temperatura caiu dois graus, talvez três: o frio de lugar que não recebe sol direto, frio que tinha cheiro, que tinha peso, que o Ardor registrou antes que a pele chegasse ao assunto.

Lá fora, na Gradiente que havia decidido morrer tocando, Don Felder e Joe Walsh chegavam ao fim do solo. A nota final. A construção descendo.

A música continuava sem mim.

A voz, do outro lado da fenda já fechada, chegou abafada pela pedra no verso que todo mundo conhece de Hotel California — em inglês, dito de leve, a regra do hotel de onde se pode dar baixa quando quiser, mas de onde nunca se sai.



Fim do Capítulo 1

*Isto foi só o Capítulo 1. A história continua em **A Pedra que Canta** — Codex da Grande
São Paulo, Livro 1.*

No Kindle e no Kindle Unlimited a partir de 01.07.2026.